

Poesia e Cidade

S.O.S Poesia

Renato Rezende

São muitos, e profundos, os laços que unem cidade e poesia. De certa forma, poesia e cidade são sinônimos, e de tal modo se confundem, principalmente a partir da Modernidade (e aqui é claro que pensamos em Paris como o paradigma da cidade, a Paris de seus cafés e seus poetas; a Paris de Baudelaire) que podemos pensar a própria cidade como um texto, frequentemente opaco, que deve ser de alguma forma lido. A cidade como um labirinto de códigos. A cidade como lugar de refúgio ou de perdição, a cidade como porto de acolhida para os que estão perdidos na vida, para os que querem se perder na vida. A cidade como lugar de vício e anonimato. A cidade como experimentação.

A cidade, poesia.

Em fato, muito poderia ser dito sobre essa peculiar irmandade entre cidade e poesia; e também sobre a evolução em paralelo de ambas. Se a cidade contemporânea não é mais a cidade moderna (não é mais uma cidade espraiada de acordo com a circulação de bens, a produção ou o consumo desses bens, com bairros estratificados em classes sociais, os bairros operários, etc., mas sim metrópoles muito mais complexas e plenas de camadas, com pontos nodais não fixos, com populações itinerantes, com tribos, com guetos...), a poesia contemporânea também se abre para uma infinita série de novas experiências, contaminação de meios e linguagens, e diferentes suportes.

Escolhi falar aqui hoje sobre um determinado projeto de poesia que tem como suporte o próprio corpo da cidade. *S.O.S. Poesia*, um *site specific*, uma intervenção urbana, pensada para o Museu de Arte do Rio, na praça Mauá, no coração da zona portuária do Rio de Janeiro, no momento de sua mais intensa reestruturação.

Em parceria com o artista Dirk Vollenbroich, um engenheiro eletrônico de formação, eu tenho uma produção de trabalhos de arte que têm como componente material principal a luz. Luz: essa matéria mais próxima da imaterialidade. Luz: pulsação, vida. Através de tecnologia de ponta, unimos luz e arquitetura, luz e corpo, luz e concreto, para conceitualmente propor discussões e produzir encantamento (lembrando que poesia é sempre um susto). Nosso trabalho invariavelmente tem um componente público, e uma superfície de fruição bastante acessível para uma população ampla, qualquer habitante da cidade, buscando fugir tanto dos espaços quanto das leituras convencionais da arte contemporânea.

Em 2015, no ano de intervalo entre a Copa do Mundo e as Olimpíadas no Rio de Janeiro, ou seja, bem do meio do frenesi das enormes reformulações urbanísticas conduzidas pelo prefeito Eduardo Paes (sem dúvida, uma reencarnação de Pereira Passos) na cidade, nós apresentamos no MAR - Museu de Arte do Rio, o projeto *S.O.S. Poesia*, que eu considero um projeto de poesia contemporânea, em campo ampliado. O *S.O.S. Poesia* inaugurou no museu um programa que o curador Paulo Herkenhoff chamou de MAR Extracúbico, obras que ocorreriam fora do espaço literal e simbólico do cubo branco de uma galeria. Obras que ocorreriam no contorno externo do Museu.

O MAR e a Escola do Olhar, uma parceria entre a prefeitura e a Fundação Roberto Marinho, foi inaugurado em março de 2013 dentro de um projeto maior de revitalização da zona portuária da cidade, o projeto Porto Maravilha, utilizando dois

prédios vizinhos bastante distintos e semiabandonados na praça Mauá, a antiga rodoviária (modernista, da década de 1950) e o palacete Dom João, a antiga alfândega, de estilo eclético do início do século 20, unidos em um único projeto arquitetônico (Bernardes + Jacobsen).

A Praça Mauá é um dos pontos nodais e emblemáticos da cidade do Rio de Janeiro. Situada ao lado do Porto do Rio, com sua bela arquitetura e vitrais art decô, a praça Mauá era cortada pela Perimetral, uma espécie de Minhocão, construído nos anos 1950, um enorme elevado de quase 6km que veio quase inteiramente ao chão, abrindo a vista da baía em grande parte da região central da cidade. Transformada em uma enorme plaza, o píer abandonado da praça Mauá recebeu o museu do Amanhã, também uma parceria entre a prefeitura e a Fundação Roberto Marinho, um projeto do polêmico arquiteto espanhol Santiago Calatrava. A avenida Rodrigues Alves, que corria ao lado dos armazéns, transformou-se num bulevar para pedestres e para o VLT (veículo leve sobre trilhos), uma novidade na cidade. Nesse bulevar foi inaugurado o Aquário da cidade, e os armazéns ganharam uso eclético, como receber anualmente o Arte Rio, a feira de arte do Rio de Janeiro, feiras de gastronomia, e outras atrações cosmopolitas. Na própria praça, o prédio abandonado do Diária do Noite, que um dia foi o maior arranha-céu da cidade, também art decô, ganhou maior visibilidade. E do outro lado da praça, ao lado do antigo mosteiro de São Bento e de um prédio de escritórios em estilo internacional (international style), a Marinha, proprietária de grande parte dos edifícios ao longo do píer, liberou acesso para um passeio ao longo do cais, abrindo caminho rápido para pedestres da Praça Mauá até o CCBB, a Casa França-Brasil, e logo mais adiante, a Praça XV.

É nas cercanias da praça Mauá, também, que fica o cais do Valongo, recentemente declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, por onde durante

todo o século 19 chegaram milhares de escravos ao Brasil. As ruínas do cais do Valongo foram descobertas, junto com milhares de artefatos de origem africana, ossadas e extenso e valioso material arqueológico, durante as obras do Porto Maravilha. Como se vê, tanto no sentido diacrônico como sincrônico, a praça Mauá é um ponto nodal da cidade do Rio de Janeiro, cenário e palco hoje de uma enorme confluência de temporalidades e populações mistas: empresários e funcionários públicos e privados que trabalham nos inúmeros escritórios e empresas da região, marinheiros e estrangeiros que na cidade chegam pelo porto, camelôs e farta população de rua, moradores do morro da Conceição, ali estabelecidos há décadas, turistas que visitam os novos museus que ali surgiram, boêmios e apreciadores do samba que rola no meio da rua na Pedra do Sal ou no tradicional Trapiche Gamboa, frequentadores de boates como a The Week, prostitutas e clientes de cabarés de strip-tease, etc.

Toda essa transformação, não precisa nem dizer, mesmo porque as obras já estavam em pleno vapor em junho de 2013, no auge das manifestações (lembrando que o MAR foi inaugurado em março, embora a reforma da praça só tenha sido concluída quase três anos mais tarde), foi conduzida sob imensa polêmica. O projeto *S.O.S. Poesia*, realizado entre março e abril de 2015, se dá em meio a essas obras e ainda sob o clamor desses debates, como uma contribuição de cunho ético e estético (ou conceitual, poesia é sempre pensamento) na forma de um apelo endereçado seja à poesia ou para a poesia; para a cidade.

As 144 janelas dos 4 andares do palacete Don João, que abrigam as galerias do museu, foram usadas para transmitir uma seleção de poemas sobre a cidade, emitidos em código Morse durante a noite. É interessante notar que essas janelas são cegas; ou seja, por dentro eles ficam escondidas atrás de paredes falsas. Nesse pequeno corredor

entre as janelas e as paredes falsas, nesse limbo entre o lado externo e interno do Museu, Dirk e eu colocamos fitas de potentes lâmpadas LED, que piscaram em sintonia a partir de um programa de computador inserido num laptop conectado à rede elétrica do Museu. Se por um lado houve o espetáculo grandioso e monumental de todo o edifício piscando, em fruição festiva e coletiva, mas opaca (o código Morse é ilegível para a maioria das pessoas, e extremamente lento, apesar da sua rapidez de luz, para a compreensão do poema, pois é soletrado letra por letra), por outro, os poemas selecionados por mim, em geral densos e críticos, eram legíveis em streaming em tempo real, acessado via QR code e em delay: uma leitura solitária e difícil, como talvez seja toda leitura de fato, mas recompensadora. Para essa recompensa era preciso responder ao apelo sugerido pelo título da obra -- que também dialogava com o farol do porto, ali do lado. Foi interessante notar o esforço feito por alguns marinheiros, sentados numa mesa de bar próxima a nós, certa noite, tentando ler o que estava sendo emitido. Esforço e espanto: pois eles reconheceram o código Morse, mas não puderam decifrá-lo.

Procuramos produzir, naquele espaço aberto, lançado para fora do Museu, uma iluminação desliteralizante, frisando na emissão mesma do poema que todo poema é sempre uma tradução, um desencontro, uma busca e, no limite, um mal-entendido. Uma fissura, uma oscilação entre sentido e não sentido. Como escreveu a crítica e curadora Marisa Flórido: "Vivemos num mundo de códigos. Não seria a poesia justo esse quebrar de códigos, esse assalto à linguagem, escavando-a de silêncios e sopros, de balbucios e suspensões, de rimas e cesuras?"

Por um lado, temos o sistema da arte contemporânea, tão casada (apesar de seus atritos e esforços de muitos, daí sua intrigante e complexa ambiguidade, sua prisão e sua liberdade) com o mercado e seu excesso de imagens, com os fluxos

rápidos e voláteis de capital e gozo; esse capital que transforma as cidades, que transformou parte da cidade do Rio de Janeiro, que explora e forja sua imagem de cidade bela, lançando-nos vorazmente na leveza luminosa do agora, desenraizando comunidades. Por outro, nós temos a poesia. O projeto *S.O.S. poesia* coloca ambos em curto-circuito: o espetáculo, ao convocar seu lado opaco (seus pontos cegos, seu pesado e doloroso preço, sua ilegibilidade -- ou seja, sua incoerência); a poesia, ao lembrar sua ineficácia, seu quase anacronismo, sua falta de corpo: foi preciso pegar carona no Museu para alcançar alguma visibilidade.

Por um lado, uma visibilidade ilegível; por outra, uma legibilidade invisível. Por um lado a cidade (o espaço de nossas vidas), sequestrada pelo capital; por outro a poesia (a Vida), buscando, como sempre, brotar. O projeto *S.O.S. poesia* foi uma tentativa de reaproximar poesia e cidade no contemporâneo.

VIDEO

<http://www.renato-rezende.com/arte-e-tecnologia.html>